

“TCHAU, QUERIDA”: LEITURA DO IMPEACHMENT-REVISTA

*"Bye honey":
Impeachment - magazine reading*

*“Adiós querida”
La lectura de un juicio político-revista*

*Antonio Fausto Neto
afaustoneto@gmail.com*

Resumo

Analisa-se nas capas de revistas informativas operações de produção de sentidos sobre o impeachment da presidente Dilma Rousseff, a partir de um duplo trabalho técnico-discursivo: um voltado para sua topografia externa e outro para a sociedade. Apresentam-se como espaço de potencialidades ao falar do “modo de ser” da revista, principalmente de acontecimentos cuja inteligibilidade é gerada por operações que estão em sua economia discursiva. O impeachment da presidente se faz segundo gramáticas e lógicas midiáticas, além de operadores de reconhecimento extraídos e resemantizados de vários tecidos discursivos. As capas vão além de um lugar de exibição da atualidade, operam enunciações manifestando, inclusive, formas de julgamento antecipado.

Palavras-chave: Revistas. Impeachment. Produção de sentido. Capas.

Abstract

It is analyzed in informative magazines covers, operations of meaning production about President Dilma Rousseff's impeachment, from a double technic-discursive work: one oriented to its external topography and the other to society. It is presented as potentialities space as it is talked about the magazine's “way of being”, especially of developments whose intelligibility is engendered by operations that are in discursive economy. The president's impeachment is made according to media logics and grammars, in addition to recognizing operators extracted and resignified from several discursive tissues. The covers go beyond exhibiting up-to-dateness, they operate enunciations manifesting even pre-judgment.

Key-words: Magazines. Impeachment. Meaning production.

Resumen

Se analizan en las tapas de las revistas informativas operaciones de producción de sentidos sobre el impeachment de la presidente Dilma Rousseff, a partir de un doble trabajo técnico-discursivo: uno vuelto a su topografía externa y otro para la sociedad. Se presentan como espacio de potencialidades al tratar de la manera de ser de la revista, especialmente de eventos cuya inteligibilidad es generada por operaciones que están en su economía discursiva. La destitución de la presidente se convierte según gramáticas y lógica de los medios de comunicación, además de operadores de reconocimiento extraídos y resemantizados desde diversos tramos discursivos. Las tapas van más allá de un lugar de exhibición de la actualidad, ellas operan enunciaciones manifestando, incluso, formas de juicio anticipado.

Palabras-clave: Revistas. Impeachment. Producción de sentido.

1 NOTA INTRODUTÓRIA

Abrimos arquivos midiáticos escritos a respeito do impeachment do presidente Collor (setembro/dezembro de 1992) e deparamo-nos com artigos publicados em 1994¹ que analisam o trabalho midiático-jornalístico na tessitura do impeachment do primeiro presidente brasileiro eleito pelo voto popular, após o ciclo da ditadura. Tais materiais nos remetem ao protagonismo midiático cujas lógicas e operações enunciativas tiveram naquelas décadas importantes ciclos de manifestações. Além do impeachment, dão forma ao Horário Eleitoral Gratuito em 1989, as campanhas eleitorais referentes às eleições e reeleições diretas de Fernando Henrique Cardoso, Luís Inácio Lula da Silva e a eleição de Dilma Rousseff, também, em um segundo processo de impeachment, que se desenrola no segundo semestre de 2016.

Nos escritos reencontrados, localizamos trabalhos distintos sobre o impeachment envolvendo as coberturas dos meios impressos, dos telejornais e leitura dos editoriais. Na ocasião, apresentávamos hipótese segundo a qual os meios jornalísticos proferiram a sentença de Collor segundo operações que foram engendradas e que se anteciparam ao próprio julgamento deste processo, por parte do Congresso Nacional.

Naquele contexto dos anos 1990, o discurso jornalístico tece à deriva do cerimonial legislativo – ou mesmo agendando alguns dos seus passos – diferentes momentos que culminam e/ou transformam Collor numa “página virada da história”². Já naquele momento, ainda longínquo da internet, as mídias não seriam apenas suportes de relatos construídos por

¹ As obras poder ser conferidas nas referências bibliográficas ao final do artigo.

² Revista Isto É, n.1196. São Paulo, setembro de 1990.

outros campos sociais, destacando-se como dispositivos de publicização de acontecimentos, cujas regras de produção eram tecidas segundo gramáticas específicas de diferentes sistemas de comunicação (Fausto Neto, 1994).

Ao avançar nas conclusões, questões ali suscitadas chamaram atenção como as cenas enunciadas no domínio público pelo jornalismo que eram cada vez mais produzidas, via regras privadas gerando o “acontecimento rádio”, o “acontecimento jornal” e o “acontecimento tevê”, etc. Já naquele contexto, o conceito de tematização desenvolvido por Niklas Luhmann (2005) se fazia presente na manifestação daqueles discursos, os quais apareciam não apenas como o lugar da produção, mas o de proposição de sentido, dando uma direção ao acontecimento. Também o tema da cenificação da política, no complexo contexto midiático, suscitava hipótese segundo a qual a mídia, ao interferir na esfera do discurso público, transformaria o regime da visibilidade numa estratégia indireta de construção/produção do controle social. Os discursos sobre a “sentença antecipada” se manifestavam nos editoriais jornalísticos segundo operações enunciativas que visavam “contaminar” o espaço parlamentar, ofertando-lhe argumentos para alimentar as decisões do congresso sobre o “Caso Collor”. Para tanto, veredictos apontavam o modo como a enunciação jornalística sentenciava o então presidente, assinalando argumentos de como o congresso deveria dar um ponto final no processo (Fausto Neto, 1994b).

Estudando corpus de telejornais entre maio/setembro de 1992, mostramos como os mesmos se constituíram em dispositivos interessados ao se destacarem como “uma testemunha sempre autorizada” a exortar os demais poderes à observância de um modelo de justiça. Neste caso, a tevê não só fala, mas a partir do seu ponto de vista agenda a política, monitora os passos dos seus atores e se coloca como um grupo de pressão. E, além do seu lugar de operador diurno do ritual do impeachment, se oferece como espécie de “divã selvagem”. Os jornalistas, como leitores, tentam arrancar a qualquer custo, uma palavra dos seus interlocutores entrevistados, segundo manejos enunciativos dos quais pudessem emergir informações que covalidassem suas estratégias interpretativas sobre a cobertura.

De um impeachment a outro, – 1992/2016 – vinte e quatro anos separam e muitos fatores distinguem estilos de cobertura e da relação dos meios com acontecimentos complexos, como é o caso do afastamento do/a presidente. Pode-se dizer que eles se tecem em dois cenários distintos, do ponto de vista midiático. No impeachment de Collor as narrativas midiáticas se enunciam como um “discurso testemunhador e autorizador”. No impeachment

de Dilma Rousseff, já no contexto da internet, é operado segundo cruzamentos de novas estratégias entre campos e atores sociais. Sofre, de modo específico, os impactos das afetações da midiatização em curso. Se no impeachment de Collor, as mídias foram, grosso modo, lugar de insuflamento dos demais campos sociais – como o jurídico e o político – no impeachment de Rousseff (na primeira e segunda fase) as mídias rivalizaram com os campos político e judiciário operações de protagonismos. Com referência ao impeachment da presidente mesmo que as competências e as modalidades de produção discursivas de cada um deles se manifestem de modo heterogêneo, são convergentes do ponto de vista dos seus objetivos. Há várias razões para explicar a emergência de um novo cenário de discursos que se manifestam convergentes – como é o caso dos discursos político, midiático e judiciário.

Lembramos alguns aspectos da midiatização em processo, que operam também como parâmetros explicativos. Dentre estes, o fato das novas configurações em torno das quais se estruturam as fronteiras e dinâmicas dos campos sociais diversos, não são fixadas sobre seus próprios limites. Suas rotinas e estratégias avançam na forma de circuitos sobre competências e operações de inteligibilidade de muitos deles. Ou então, os discursos destes campos se vêm permeados por “lógicas de terceiridades” ao produzir seus próprios dispositivos de construção e de interpretação dos fatos que são disponibilizados sob condições estratégicas, para circuitos organizados em torno de múltiplas complexidades. Registros da complexificação da sociedade vias processos de midiatização, explicam algumas destas mutações: de um modo específico, a inserção de instâncias de produção e de recepção de mensagens nas novas dinâmicas de processos de circulação discursiva, ensejadas pela emergência da internet, circunstância na qual intercambialidades de mensagens são produzidas segundo novos protocolos interacionais que retiram tais polos (produção e recepção) de um lugar pré-constituído de produção de sentidos.

Gera-se como consequência, o fenômeno da “opinião midiatizada” processo que é acelerado com a internet e com o esmaecimento das instâncias mediacionais dos campos em torno dos quais se estruturavam práticas de leituras e de inteligibilidade dos processos sociais.

Também podem ser lembradas transformações que ocorrem no modo de ser dos campos sociais, cujas manifestações de reconhecimento e de disputas de sentidos escapam do seu poder enunciativo e são submetidas a um outro intenso trabalho realizado por operações enunciativas de uma diversidade de instituições e de atores, que, deles roubam sua condição de “elo de contato” e de produção da representação social. Além disso, a especificidade de

gramáticas e do trabalho discursivo dos campos por lógicas e configurações de dinâmicas várias, ultrapassam singularidades de suas epistemes e de estratégias, elaboradas em suas próprias fronteiras. Se as novas configurações de circulação ensejam novas condições de acesso generalizado ao outro – enquanto instituições, cultura e conhecimento (Véron, 2013) – produzem, por outro lado uma “desordem” nos campos sociais, na medida em que suas fronteiras se dilatam na direção de novas “zona de contatos”, fazendo com que ingressem em circuitos de conflitos e de concorrências, gerando borramentos em suas identidades, bem como seus deslocamentos para instância de bifurcações, cujos efeitos não se visualizam de modo linear.

2 RUMO AO “JORNALISMO DE COMBATE”

Um primeiro estágio destas mutações, que afetam o campo midiático e a especificidade de suas competências, diz respeito as mudanças em suas operações tecno-simbólicas. Caracterizado pela sua vocação mediacional, ao superintender as interações dos demais campos sociais, o campo midiático-jornalístico faz aparecer operações e marcas, que até então funcionavam de modo abjeto, no sentido de evitar marcas de sua existência e de seus modos de “falar do mundo”. Se clássicas epistemes anunciavam a validade da objetividade com que se movia uma modalidade discursiva de apenas relatar as coisas do mundo, ocorre que o lugar deste campo e os postulados de sua racionalidade enunciativa sofrem mudanças. Sendo assim, transforma-se o seu lugar de “elo de contato” entre instituições e sociedade em um outro, constituído por uma prática discursiva autoral.

Densa literatura chama atenção para os efeitos deste deslocamento, apontando para a emergência de uma realidade midiática de natureza autorreferente, cujos processos de observação do mundo passa a se fazer em torno das próprias operações de autopoiesis do jornalismo (Luhmann, 2004). De modo específico, observa-se o impacto desta realidade sobre o trabalho do jornalismo: à sua autonomia relativa somava-se, desta feita, uma outra, de natureza discursiva, através da qual suas práticas deixam de ser concebidas enquanto modalidades de representar o mundo, para serem vistas como instâncias nas quais se teceriam as suas próprias operações de construção de mundos. Tal reconhecimento implica um segundo, e que diz respeito a singularidade e competência de regras e classificações jornalísticas para a produção da noticiabilidade. Conforme Darnton (1990) em um clássico

ensaio, onde explica a força deste deslocamento e da própria autonomia enunciativa do jornalismo: “Jornalismo: toda notícia que couber a gente publica”. Lidamos com tais transformações do “lugar de fala” da enunciação jornalística na observação de acontecimentos complexos (a doença, a morte, a renúncia de políticos) que envolveram personalidades públicas (ex-presidentes, políticos e artistas do mundo musical e televisivo).

Particularmente, nos debruçamos sobre o estudo das capas de revistas informativas e especializadas examinando as estratégias e operações de semantizações por elas construídas no sentido de, por exemplo, se desvincular do trabalho interpretativo de fontes. Ou então, no sentido de pressionar “grupos de opinião” na tomada de decisão sobre processos legislativos, como a cassação de mandatos de lideranças políticas. Além daquilo que foi descrito e lembrado sobre o impeachment de Collor, examinamos, enquanto estudo de caso, que envolve uma longa cobertura jornalística que envolve um processo parlamentar, através das estruturas argumentativas de revista semanal (ISTO É) (capa + editorial + carta ao leitor + índice + carta dos leitores. São secções que reúnem marcas de um trabalho discursivo de natureza argumentativa e nomeado como “jornalismo de combate”, através do qual a publicação pavimenta o destino para seu alvo. No caso, a renúncia de Antônio Carlos Magalhães ao seu mandato de senador da República (Fausto Neto, 2002).

3 AS CAPAS, NO MEIO DA MÁQUINA SIGNIFICANTE

O retorno ao corpus de análise do material jornalístico sobre o impeachment de Collor nos faz lembrar que não foi possível examinar com mais rigor técnico as capas das revistas semanais. Especialmente a complexidade do seu trabalho de enunciação e, de modo especial, o status das imagens na atividade referenciadora dos sentidos sobre o impeachment.

Recordamos que, ainda assim, foi possível fazer algumas articulações entre a matéria significativa transformada em textos. E observamos as estruturas das capas nos fixávamos sobre os enunciados verbais, segundo algumas regras e proposições formuladas pelo conceito de enunciação. De alguma forma, o trabalho sobre as operações enunciativas em torno de enunciados verbais, reconhecia o potencial empírico das imagens na medida em que sua inserção neste tipo de enquadramento, apontava para sentidos que se ofereciam ao trabalho investigativo. Por exemplo, articulações que se faziam entre algumas delas, especialmente as diferentes modalidades através das quais o lugar de enunciação apresentava a imagem do

presidente. Nos fixamos num nível de observação, um pouco além das “impressões”, procurando mapear alguns fatos relacionados com as operações de enunciação das revistas sobre a figura presidencial, para daí fazer algumas inferências sobre a existência de algumas regras que norteavam hipóteses sobre as mídias, enquanto “lugar-leitor”.

No contexto da cobertura das revistas sobre o impeachment de Dilma Rousseff, vamos levar em conta a existência de nova realidade tecno-discursiva: as capas, enquanto “porta de entrada” das revistas, estão envoltas em complexos processos de produção e de circulação que afetam a própria gestão de seu espaço-temporalidade da revista, enquanto meio. Ou seja, tal realidade também afeta a construção da noção de atualidade concebida pela revista, principalmente, sua relação com a “ecologia das mídias” e com um acontecimento em processo, como é o caso da ritualidade-temporal do próprio impeachment.

A capa é transformada em um complexo dispositivo cuja existência e funcionamento enunciativo confere à revista um determinado “modo de existência”. Opera como um dos elementos constituintes que tem a ver com a condição de produção da revista. Trata-se de uma estrutura indicial na medida em que aponta, além da existência e funcionamento do suporte, para os processos que sinalizam as condições de materialização da revista enquanto publicação semanal. Se “envolve” a semana e com ela a atualidade nela contida, funciona também como condição de produção da existência de outras mídias, aquelas mais imediatas e outras mais distantes.

A edição semanal geralmente é retomada pelas mídias impressas e edições telejornalísticas na condição de pauta e mesmo fonte, para edições que vão ser geradas no fim de semana. A capa opera um duplo vínculo: para dentro do universo da revista ao diagramar e semantizar, de modo indicial, o percurso que o leitor deverá fazer no sentido de se defrontar com a atualidade já por ela suscitada, no seu enquadre de capa. E para fora, na medida em que ela dá corpo e visibilidade às possibilidades de construção de vínculos com universo externo. Tais arranjos, articulações, investimentos diagramáticos, eleição de temas, angulações gráfico-fotográficas, dentre outros, se constituem na organização de uma determinada materialidade que aponta para dupla destinação da revista: objeto de consumo do leitor e como elemento de “estudo empírico da produção de sentido” (Traversa, 2014: 21), por parte de um outro leitor: o analista enquanto “receptor interessado”.

Se a capa e a contracapa organizam a espacialidade de uma revista, segundo topografia que segue lógicas do seu contrato de leitura, de sua política editorial, de “frações de mundo” e

de categorias concebidas a partir do fracionamento de secções e subsecções, a gestão de sua temporalidade é subordinada às leis e dinâmicas mais amplas, aquelas que se vinculam a uma vasta “intertextualidade”.

Seu falar para fora resulta destes condicionantes, através dos quais textos de várias naturezas servem como condição de produção para a realidade que na capa se materializa. Mas, também, de discursos que emanam da própria idealidade política-ética-ideológica de uma revista, que as transformam em algo além de um espaço de articulação, no caso, em um objeto que pode ser nomeado como um dispositivo gerador de potencialidades.

4 “O IMPEACHMENT DILMA”

Nestas condições, fazemos um retorno às capas das revistas semanais que construíram o impeachment em processo de Dilma Rousseff. Muito mais do que um lugar no qual se mostra a anunciabilidade da atualidade da semana, as “capas se constituem em um produto singular do qual se espera resultado” (Traversa, 2014: 14). Delas, espera-se muito do seu potencial de agenciamento, ao articular o funcionamento de heterogeneidades discursivas e de fragmentos em torno de remissividades, enquanto “origens diversas da semioses que lhe antecedem” (Traversa, 2014: 2014). Expondo-se à processualidade da midiaticização em curso, as revistas mergulham na complexidade da materialidade significativa, de onde, segundo operações específicas, extraem operadores de reconhecimentos que vão alimentar suas construções interpretativas sobre o impeachment. Nas partes que seguem, descreveremos algumas destas operações e, para tanto, mapearemos algumas destas marcas ao longo de algumas edições publicadas entre março/maio de 2016.

Caracterizando-se como um lugar que organiza e hierarquiza o contato do suporte midiático com o mundo do leitorado, as capas das revistas informativas reúnem e fazem funcionar de modo complexo, o material significativo correspondente a noção da atualidade. Trata-se de um trabalho que se manifesta em uma superfície no qual a matéria significativa é transformada em discurso, este se constituindo na passagem para manifestações dos sentidos. As capas trabalham, portanto, com a expectativa de produção de sentidos numa perspectiva “condensada”, seja por uma oferta de atualidade que contemple uma periodicidade semanal, ou pela concorrência de outras mídias que funcionam, segundo temporalidade extensa e, ao mesmo tempo intensa. No caso de nosso corpus, que reúne algumas capas de edições de

revistas semanais informativas (Isto é, Veja, Época, Carta Capital e Exame) que falam do impeachment de Dilma, o acontecimento que desafia a expectativa editorial das capas se desenvolve ao longo de meses.

Mas o que singulariza a sua existência numa experiência semanal de uma revista, é a realização de um trabalho de extração que seja coerente com as lógicas sobre as quais são organizados os processos da edição. O que não significa abandonar a aderência do acontecimento a uma processualidade, em termos mais abrangentes. Mas, vale insistir que da perspectiva deste tipo de revista seu processo de produção enfrenta, pelo menos, dois tipos de efeitos: a transformação da noção de temporalidade diante da singularidade do acontecimento que naquele momento se narra, algo que requer um maior número de páginas dedicadas ao assunto. E, em segundo lugar, a vastidão do corpo da edição deve ser unificada, espacialmente, em torno de um tema.

As observações aqui feitas se restringem ao status das capas enquanto dispositivo que se constitui na “porta da entrada” (Valdettaro, 2003) de uma complexa oferta de sentidos de uma revista semanal. E, neste contexto vamos estudar sua “fala para fora”. Ou seja, como as capas produzem operações enunciativas de referenciação sobre o impeachment, a partir de algumas operações de enquadramentos. Particularmente como se faz trabalho enunciativo em torno da presidente.

A seguir alguns fragmentos discursivos a partir do exame de capas das edições de cinco revistas semanais informativas, conforme anteriormente referidas.

a) **Imagens de Identificação: Quem são eles?**

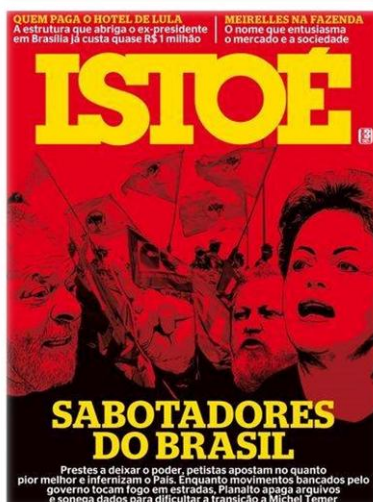


Figura 1: “Sabotadores do Brasil. Prestes a deixar o poder, petistas apostam no quanto pior melhor e infernizam o país (...)” (Isto É 29/04/2016).

O título da figura 1, acima, não deixa claro a quem está nomeando como sabotadores do Brasil. Pressupõe que haja um conhecimento tácito dos mesmos por parte do leitor, a partir das noções de “contrato de leitura” que organizaria a relação dele com a revista. Mas a especificação esclarecedora começa a se manifestar no corpo da capa, através da articulação que o título faz entre a imagem e o texto abaixo. Na imagem, vários rostos são mostrados, como se tivessem sido reunidos para uma “foto posada” para publicação. E num primeiro plano, o do ex-presidente Lula e o da presidente Dilma. Mas é no texto-comentário que se explicita a nomeação desejada pela enunciação: os sabotadores são, nominalmente, petistas, mas, de modo específico Lula e Dilma. Vê-se assim que a capa não tem um status informativo, em termos de acontecimento. Resulta de uma operação que reúne o ângulo editorial dado para a matéria principal da edição e a imagem que é extraída de um contexto outro, a fim de que na superfície da capa funcione como uma referência categorial.

b) Investimento associativo



Figura 2

“Dilma vai à guerra. A presidente acusa um golpe que não existe e parte para cima da Lava Jato – mas continua sem força política para resistir ao impeachment” (Época, 25/03/2016).

Uma das operações de referenciação mais complexas se trata daquela através da qual o dispositivo informativo busca especificar a natureza do título de uma matéria na sua relação com imagens modelizadas em termos tecno-fotográficos. O enunciado principal não diz que tipo de guerra a presidente está indo, algo que somente vai sendo contextualizado no subtítulo, que se constituiu numa espécie de comentário do próprio processo editorial. Trata-

se do enfrentamento que faz a operação Lava Jato³, mas cuja ação (guerra) é avaliada ali mesmo como inviável, na segunda parte do subtítulo: “(...) mas ela continua sem força política (...)”.

Há, porém, uma segunda operação feita pelo dispositivo e que visa qualificar a condição da combatente. Conforme a figura 2, a imagem da presidente é submetida a um trabalho de modelização de modo tal que suas feições aparecem distorcidas. E para tanto busca-se “ingredientes” de um estoque de um determinado imaginário político-cultural: além das pichações em vermelho que apontam para um outro tipo de militante – distinto aos “caras pintadas” de 2013 – há uma outra intervenção do trabalho da enunciação jornalística sobre o corpo da presidente. Seu rosto é “desfigurado”: sofre as injunções associativas do trabalho da enunciação, pois além de receber as “insígnias” apontadas, exhibe marcas e pistas de outros rostos cujas referências indicadas lembram rostos outros que frequentam, ou estão depositados em bancos de memórias de serviços policiais ou equivalentes.

Recordemos que “para cada personalidade pública, a mídia constrói um conjunto de traços que, em virtude desta construção, se convertem em índices de reconhecimento do personagem de sua imagem” (Verón, 2004: 175).

c) Foto metaforizante



Figura 3: “É Guerra! Os aliados de Dilma avançam sobre políticos do PP, do PR e dissidentes do PMDB – e os aliados de Temer avançam sobre os mesmos políticos” (Época, 02/04/2006).

³ Operação que investiga corrupção e lavagem de dinheiro no Brasil que teve início em março de 2014.

Títulos genéricos se constituem em uma das características do sistema de titulação de revistas informativas. A interpretação sobre o que anunciam pressupõe um vínculo mais duradouro do leitor com a gramática de produção da revista, ou ainda, do seu capital cultural no sentido de decifrá-los sem outros investimentos. A questão dos “efeitos presumidos” de uma mensagem nem sempre se coloca claramente na própria oferta. Conforme veremos, na figura 3, a leitura de uma capa exige um trabalho de sua desarticulação a fim de que se produza a inteligibilidade.

Tentando decifrar a estratégia: pode-se dizer que a referida capa visa produzir sentidos, via imagem apresentada, a partir da operação de uma metáfora conceitual: a guerra associada à noção de competição. A imagem que recebe como título especificador “Guerra !”, reúne Dilma e Temer lado a lado, sendo que Temer aparece um pouco adiante, numa pose que revela como pista, uma situação de indiferença entre ambos. Mas, a distância espacial – ainda que sutil – entre um e outro sugere que parecem competir. Esta hipótese é aclarada por signos que emergem do texto abaixo da imagem, onde se descreve as operações de avanços e de conquistas de Dilma e Temer na busca de mercados de apoio. Se a imagem suscita as noções de indiferença, aponta também outras semantizações sobre a guerra. De lá emergia uma informação proxêmica indicando a desenvoltura dos atores no contexto da guerra: Temer, levemente na frente, lidera a competição.

d) Imagem deslocada



Figura 4: “As Explosões Nervosas da Presidente. Em surtos de descontrole com a iminência de seu afastamento e completamente fora de si, Dilma quebra móveis dentro do palácio, grita com subordinados, xinga autoridades, ataca poderes constituídos e perde (também) as condições emocionais para conduzir o País” (Isto É, 6/4/2016).

Sentidos são produzidos pelo uso de imagens transferidas de um contexto a outro, como ilustração (animação) na ausência de fotos que documentem efetivamente situações apuradas em reportagens. Ou, nas circunstâncias em que se faz uso deliberado de imagens que registram outras situações e que são deslocadas pelo manejo enunciativo, com a intenção de se produzir outros efeitos de sentidos.

Lembrada como uma mulher dura, inflexível e agressiva, o perfil emocional da presidente não poderia estar ausente desta complexa narrativa sobre o processo de impeachment. Seu estado emocional é retratado e anunciado em matéria de capa (Fig. 4), mas se apoia em imagens retiradas de um contexto no qual a presidente estaria festejando o resultado de uma competição esportiva⁴. Este fato, inclusive, gerou comentários sobre a performance da publicação, cujo processo observacional enunciado conforme título, não só qualifica as explosões da presidente (nervosas), mas as descreve com detalhes e atribuindo as causas desencadeadoras: a “surtos de descontrole”.

e) Anúncio publicitário



Figura 5

“Dilma em Liquidação. Superqueima de cargos. Corra! Últimos ministérios! Atenção deputados! Só os senhores, com seu voto e sua consciência, podem acabar com essa farra” (Veja, 13/04/2016).

Conforme título que se observa na figura 5, as estratégias discursivas sobre o impeachment recorrem a operações de intertextualidade. Numa capa cuja construção lembra um anúncio publicitário, a presidente se transformou em duplo objeto de liquidação: a que enfrenta no processo de impeachment, mas associada, ela própria um agente de uma

⁴ Vídeo referente a imagem original <https://www.youtube.com/watch?v=Y0ASudjkOeQ>

determinada liquidação promocional, a queima cargos. O contexto de fundo é a ambiência do Palácio Presidencial, cujas labaredas tomam conta de suas adjacências.

Evidentemente que se trata de um recurso figurado, mas que, todavia, fala da política como um negócio, nestes termos didatizados. Porém, não falta a presença do discurso político que aparece em uma tarja no espaço inferior da revista. Texto exortativo, dirigido a deputados – parceiros ou não – conclama-os a não aderir a queima. E mais especificamente, a uma segunda ação: acabem com a farra.

f) Qualificando o réu pelo recurso do porta-voz

Três construções devem ser destacadas na capa abaixo: o título afirmativo jornalístico, ao anunciar em sua primeira parte os crimes da presidente. Em seguida, a construção jornalística atravessa o próprio ritual penal-judiciário – embora a este se reporte na forma de discurso indireto – para qualificar as infrações cometidas pela presidente. E, por último, a foto categorial.



Figura 6: “Os 7 Crimes de Dilma. A presidente insiste em dizer que não há justificativa legal para o impeachment, mas o MP, a PF e a Justiça Eleitoral já têm elementos para acusá-la pelos crimes de obstrução da justiça, improbidade administrativa, desobediência, falsidade ideológica, extorsão e abuso de poder, além das pedaladas fiscais” (Isto É, 30/03/2016).

O argumento do subtítulo procura através de texto desenvolver comentário pró-criminalização e para tanto, usa a modalidade do discurso indireto, e neste caso o discurso jornalístico opera como uma espécie de porta-voz. Ou seja, não somos nós que afirmamos (embora o fazemos no título, ao anunciar “Os crimes de Dilma”), mas as próprias instituições, segundo nossa condição de mediadores que aqui externa o ponto de vista delas. Uma terceira

operação é o trabalho semantizador da foto (Fig. 6) e que aparece na parte inferior da capa. Deslocada de outro contexto, tem aqui uma função categorial: operar a serviço de reafirmação do status do argumento midiático na circunstância em que profere a qualificação criminal da presidente. Poder-se-ia falar de uma quarta operação, se considerarmos o enquadre da capa como um todo: se inserimos nele como o primeiro enunciado, o próprio título da revista – Isto É – ao lado dos demais enunciados e da imagem, temos um funcionamento de uma estrutura argumentativa de caráter indicativo. Aquela que no seu conjunto profere a qualificação presidencial da presidente.

g) Eis a ré



Figura 7
“FIM?” (Exame, 15/03/2016).

Possivelmente, a figura 7 reúna, na sua “simplicidade” gráfica, uma das operações referenciais mais complexas. Imagem de fundo preto, tomando toda a extensão da página, o processo enunciativo maneja literalmente com o corpo da presidente. De blusa vermelha, para contrastar com o fundo preto – e para associá-la as cores do PT – expõe a cabeça da presidente, literalmente, cabisbaixa. Mas, sobre a cabeça uma interrogação (?) que, aparentemente, suspende o teor de julgamento do enunciado. O dispositivo jornalístico se afasta formalmente da sentença, mas pela organização do enquadre enunciativo, é o sujeito institucional da enunciação (EXAME) quem interpela os julgadores de Dilma. E, ao mesmo tempo anuncia: “Eis a ré”.

h) Dilma sai de cena



Figura 8: “Edição Especial da Crise. Reportagens – Análise – Entrevistas” (Carta Capital, 18/05/2016).

Em uma outra edição especial (Fig. 8), dá-se um outro passo da narrativa de um impeachment antecipado. Se nos anteriores, ouviu a qualificação dos seus crimes e foi entregue para o julgamento, a presidente é agora, retirada de cena. A capa, desta feita, não traz nenhum título evocativo, a não ser ao status da edição bem como aos títulos de algumas seções nas quais se identifica reportagens, análises e entrevistas sobre o assunto.

No total de imagens da presidente, publicadas pelas revistas, apenas esta última apresenta o contexto amplo e no qual ela é situada numa realidade, em que a observação jornalística se faz de fato, uma testemunhalidade do real. Não seria imagem de um acontecimento, mas reúne fragmentos, enquanto indícios, de uma cena real na qual ela transita. Sem cortes, montagens ou modelizações, o dispositivo da enunciação documenta-a cabisbaixa, sozinha em um local. O dispositivo segue-a até o momento em que fixa imagens de sua saída de cena no contexto da imagem publicada. A imagem do seu corpo, quase transformado em silhueta, aparece já quase no final do enquadramento lateral da página de capa.

5 NOTA EM CONCLUSÃO



Figura 9: “Tchau, querida; tchau, querido. VEJA acompanhou os últimos dias da presidente” (Veja, 11/05/2016).

O discurso midiático não poderia ser apenas um lugar testemunhante da saída da presidente de cena política, conforme mostraram algumas das operações aqui descritas, especialmente aquelas em que o dispositivo se “instala” para conferir sentidos ao seu deslocamento, como observado na Figura 9. Tão pouco, o sentido desta passagem poderia ficar facultada à leitura do receptor. Assim, como o dispositivo prepara, fecha também o circuito de sentidos desencadeados por suas gramáticas e lógicas. Numa espécie de solenidade de despedida, a capa (Fig.9) se transforma em um cenário no qual Dilma e Cunha, modelizados em torno de imagens que procedem de outro lugar, os mostra em situação de indiferença, para ouvir a mensagem de despedida que vem da esfera midiática.

Leituras da recepção são resituadas pelos discursos midiáticos, ao se apropriar de fragmentos de mensagens que circularam durante as manifestações de rua, cujas polifonias foram dinamizadas por várias mídias. A expressão “Tchau, querida; Tchau, querido”, que originalmente se constituiu em saudações entre coletivos e grupos militantes, foi alçada à condição do título principal da edição de referida revista (Fig. 9). Com ela, despede-se da presidente, sinalizando uma missão cumprida em mais uma etapa deste ofício do “jornalismo de combate”.

Há três anos, no contexto do processo do mensalão, o ministro do STF Celso de Mello reclamava da atividade midiática, lembrando que “nunca a mídia foi tão ostensiva para

subjugar um juiz”⁵. A queixa do juiz se apresenta como uma das reações aos sintomas gerados pela incapacidade das instituições em mediar o contrato social, o que faz com que a esfera midiática se postule como novo ator. Mas a midiática complexifica tal crise de produção de referência na medida em que as instituições – inclusive jurídicas – tentam enfrentá-la mediante, porém, o recurso de lógicas e operações midiáticas. Observa-se tal fenômeno no contexto atual, quando fundamentos e procedimentos investigatórios ultrapassam as fronteiras jurídicas para serem acionados por postulados e expedientes midiáticos. Na midiática enquanto ambiência, o campo mídia já não é mais o gestor exclusivo desta realidade. Esta se amplifica mesclando-se ao modo de ser (cultura) e de agir (discurso) de outras instituições e coletivos. As reflexões aqui desenvolvidas sobre a performance midiática na cobertura do impeachment apontam apenas, para parte de uma etapa da midiática em processo. Nela, as instituições midiáticas também as voltas com os efeitos da midiática sobre todas as práticas sociais, geram novas práticas tecno-discursivas para dar conta de inteligibilidade, cujos processos narrativos extrapolam, de modo transversal, as fronteiras da realidade midiática, no sentido estrito. Os meios passam a produzir sentidos segundo metodologias que se afastam dos velhos ideais com que produziam a atividade referenciadora. Dados aqui refletidos sobre o “Impeachment-revista” mostram que os protocolos da construção do ato enunciativo se tornam mais importantes do que a complexidade do acontecimento, objeto do processo narrativo. Passam a se constituir, eles mesmos, no próprio acontecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELIN, Emmanuel. **Une sociologie des espaces potentiels**: logique dispositive et expérience ordinaire. 1. ed. Bruxelles: Éditions de Boeck Université, 2002.

CULIOLI, Antoine. **Escritos**. 1. ed. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2010.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mortes em derrapagem**: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

FAUSTO NETO, Antonio. A sentença dos media: o discurso antecipatório do impeachment de Collor. In: ____; BRAGA, José Luiz; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **Brasil, comunicação, cultura e política**. Rio de Janeiro: Compós, 1994a.

⁵ Jornal Folha de SP, E2, Ilustrada, 26/9/2003.



FAUSTO NETO, Antonio. **Vozes do impeachment**. In: MATOS, Heloíza et al. **Mídia, eleições e democracia**. 1. ed. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994b.

FAUSTO NETO, Antonio. **O impeachment da televisão: como se cassa um presidente**. Rio de Janeiro: Diadorim Editora, 1995.

FAUSTO NETO, Antonio. **O corpo falado: a doença e morte de Tancredo Neves nas revistas semanais brasileiras**. João Pessoa: Ufpb, 1998.

FAUSTO NETO, Antonio. Quando a ética toma forma: estratégias discursivas do “jornalismo de combate”. In: PAIVA, Raquel (org.). **Ética, cidadania e imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p.165-186.

FAUSTO NETO, Antonio (org.). **Lula presidente: televisão e política na campanha eleitoral**. São Paulo: Hacker; São Leopoldo: Unisinos, 2003.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MATOS, Heloiza (org.). **Mídia, eleições e democracia**. 1. ed. São Paulo: Editora Página Aberta Ltda, 1994.

MOUILLAUD, Maurice. **Le discours et ses doubles: sémiotique et politique**. Lyon: Presses Universitaires de Lyon, 2014.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

QUIROGA, Tiago. **Pensando a episteme comunicacional**. 2. ed. Campina Grande: Eduepb, 2013.

RANCIÈRE, Jacques. **O ódio à democracia**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

SANTOS, Roberto Corrêa dos. **Para uma teoria da interpretação: semiologia, literatura e interdisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

SILVERSTONE, Roger. **La moral de los medios de comunicación: sobre el nacimiento de la polis de los medios**. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2010.

TRAMONTINI, Mariana Bastian. Operações de sentido na disputa presidencial. Lajeado: WS Editor, 2014. Disponível em:

<https://www.academia.edu/11259630/Operacoes_de_Sentido_na_Disputa_Presidencial>. Acesso em: 14 jun. 2016

TRAVERSA, Oscar. **Inflexiones del discurso: cambios y rupturas en las trayectorias del sentido**. 1. ed. Buenos Aires: Santiago Arcos editor, 2014.

VALDETTARO, Sandra. La “puerta de entrada” a Página 12. In: BISELII, Rubén et al. La trama de la comunicación: anuario del departamento de ciencias de la comunicación. 1. ed. Rosario: UNR, 2003.



VERÓN, Eliseo. **Construir el acontecimiento**: los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear de Three Mile Island. 2. ed. Buenos Aires: Editorial Gedisa, 1987.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

VILLARRUEL, Darío. **[In]Justicia mediática**: cuando el periodismo quiere ser juez. 1. ed. Buenos Aires: Sudamericana, 2014.

Original recebido em: 17-06-2016

Aceito para publicação em: 14-09-2016

Antonio Fausto Neto

Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (1972), mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1977), doutor em Sciences de La Communication Et de Linformation - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales - França (1982) e estudos de pós-doutorado na UFRJ - RJ (1990). Pesquisador 1A do CNPq; membro do Comitê Científico do CNPq (área de comunicação); Consultor ad hoc: CAPES, CNPq, Fundação Carlos Chagas. Professor titular da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS); ex-professor na UFRJ, UFPb, UnB e PUC-Minas. Professor Colaborador do Mestrado Profissional em Jornalismo da UFPB Campus João Pessoa. Presidente do Centro Internacional de Semiótica e Comunicação (CISECO). Co-fundador da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - Compós.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons.